



Instituto de
Estudos Avançados
em Catolicismo
& Globalização

IEAC
GO

SER PADRE NO IRAQUE

Pe. Thabet Habeb Mansou

“Quem é o padre?” é uma pergunta que sempre se faz. É claro que existe uma resposta: o padre é mediador e futor [que favorece] na santificação da comunidade. Há, portanto, a comunidade no cerne da resposta, e o padre pode ser, assim, mediador e distribuidor da Graça divina no contexto em que vive.

Anunciador da Palavra, mediador na Missa e nos vários sacramentos não significa deixar de lado a vida real da comunidade, porque Deus quer comunicar com o seu povo, hoje, isto é, na realidade quotidiana na qual vive este povo e cada comunidade cristã. Portanto, para responder à pergunta: "o que é ser padre?", no meu contexto, é necessário compreender e conhecer a minha comunidade e como vive. Posso fornecer um breve cenário focado no cristianismo iraquiano.

A identidade original da Igreja nascida na Mesopotâmia do século I, Igreja apostólica, reflete a longa história da civilização antiga iraquiana. Esta Igreja sempre viveu uma fundamental dimensão salvífica, isto é, a cruz. Quer dizer que ao longo da história, até hoje, as perseguições, dificuldades, ser uma minoria, são factos quotidianos da vida desta Igreja.

Pode, então, imaginar-se a natureza desta comunidade, a sua psicologia, medos, e o que espera e como pensa. Uma comunidade ameaçada sempre sente faltar a ordem; a diferença cultural e social entre a comunidade cristã e as restantes; o humor ou o ser pacífico, não violento, ter sucesso na vida, tudo isto atrai o perigo de quem é maior numericamente e de quem te olha, do ponto de vista religioso, como um homem ou grupo seu inimigo, e também do seu Deus.

A Igreja torna-se, verdadeiramente, para esta comunidade, o refúgio e o lugar de proteção, não porque a Igreja possua uma área ou zona física de proteção, mas pelo modo de agir da Igreja, a coragem espiritual por ela dada, a defesa da sua verdade, a sinceridade do seu amor

e o querer sacrificar tudo pela vida do homem, sobretudo a dedicação da vida pela defesa da comunidade, por parte dos chefes religiosos. É neste clima que se move o padre, e que reflete a sua identidade.

O padre é defensor da sua comunidade

Na maior parte do Iraque, as pessoas sempre olham para o padre pedindo-lhe que seja o seu defensor quando ocorre uma injustiça ou há algum procedimento da parte do Governo, ou quando alguém usa o seu poder ameaçando os direitos da comunidade cristã. Nas aldeias cristãs observamos sempre uma tendência da parte do Governo ou dos poderosos não-cristãos para alterar a demografia da região: a alteração demográfica ameaça a existência dos cristãos e cria neles sentimentos negativos. Quem deve intervir? Primeiramente, a Igreja, o padre deve intervir mesmo que seja ameaçado ou, como aconteceu uma vez, há alguns anos, assassinado.

Durante o tempo de fuga, as comunidades cristãs, ao viverem nos campos, encontravam-se em perigo; havia muitos que queriam aproveitar-se desta gente pobre, provocar as raparigas e assediá-las, o perigo das seitas ou dos movimentos religiosos que queriam atrair novos membros da gente dos campos, os problemas que trouxeram alguns dos refugiados que os levaram à polícia, etc. O padre tinha de intervir protegendo o rebanho. Obviamente, não era fácil, e cada ameaça requeria um método de defesa que não fora previsto nos estudos de teologia do Seminário, mas o padre deve ter força para agir nestes casos. Passámos momentos difíceis, lidando com estes casos.

Mas também vivi uma experiência particular quando um membro não-cristão da milícia queria tomar uma terra de um cristão imigrado e incorporá-las às terras municipais: o perigo, o futuro e a identidade do meu país estavam a ser ameaçados. O padre deve falar e sofrer, mesmo sob a ameaça de morte.

O padre deve dar esperança

Este tema, na minha opinião, é o mais importante, porque no caso da defesa, temos homens que podem defender os direitos dos cristãos, mas a esperança é uma necessidade mais profunda e delicada. A crise é uma arma de desespero e [combatê-la] necessita de armas especiais. Depois da crise da fuga: as pessoas perderam tudo, chegaram a Erbil sem nada; que sentido tinha a vida nesse momento? Quem podia doravante convencer estas pessoas a esperar anos até que o regresso fosse possível? Ou dar-lhes um espírito de perseverança nas novas situações. A Igreja conseguiu isso através dos padres e ajudando as pessoas a sair, aos poucos, da armadilha do desespero. No primeiro dia da fuga, os cristãos estavam na estrada. No momento do regresso à sua região natal, três anos depois, tinham escolas, universidades, centros sanitários, viviam em casas ou lugares dignos, [tinham] trabalho, e um sistema de ajuda e solidariedade encorajava-os a continuar.

É claro que existe o papel da comunidade, dos movimentos e Igrejas cristãs, mas o decisivo ou o ponto que liga quem ajuda a quem é ajudado é o padre. Não é só o oferecer ajuda material que permite dizer que existe esperança, mas quando esta ajuda se torna uma tradução ou uma realização dos princípios espirituais que lhes traz o padre, então nasce a esperança.

O DAESH capturou os cristãos e queria exterminá-los. Na sua fuga, o governo deveria ajudá-los e defendê-los, mas não o fez. Os políticos pareciam impotentes. A Igreja permaneceu próxima, e o padre envolvido com eles a tempo inteiro. Deus está próximo e o seu amor é algo real. Assim, a nossa fé não é em vão. Existe a pergunta de dúvida, "Onde está Deus ou porque é que Deus permite isto?", que não é dita pela maioria. É claro que o fiel tem o direito de rezar e perguntar a Deus o porquê, mas esta pergunta de oração é algo de diferente da pergunta de dúvida e de desesperança.

O padre não só é factor de esperança, mas também objecto dela. Continua a ser um ser humano e a crise ataca-o: ver toda a tua paróquia destruída e os teus paroquianos a gritar por necessidade, doença, problemas do dia a dia; não tens meios para desenvolver uma atividade pastoral importante, e isso cria desespero na alma do padre. Alguns meses após a fuga, eu permaneci quase como o único responsável por todas as necessidades dos fiéis da minha diocese e não digo porque fiquei sozinho.

É difícil trabalhar nestes contextos e dar esperança, se não tens esperança: seria útil mencionar como nasceu a esperança nas almas cristãs que viveram a crise. Por um lado, era importante manter viva a memória, a memória de uma identidade perdida. Este estado foi realizado no cuidado pastoral a favor da assistência. Mostrar que a relação paroquial anterior ainda existe mesmo se na cidade onde há refugiados, existem paróquias. Realizar novamente aquelas atividades e festas patronais das regiões de origem nas novas situações, procurando estreitar os laços de antes mediante um centro, e não como um gueto fechado, mas de uma comunidade que se protege a si mesma de se perder da outra parte da comunidade com a qual cria uma relação sã com outros. O padre provém de uma comunidade de uma certa região e essa comunidade vive agora no seio de outra. É importante criar equilíbrio entre elas, porque um é um grupo sem casa e os outros sentem que esses refugiados são um pouco enfadonhos, etc.

Conduzir ao futuro: este seria um trabalho ainda mais difícil. Como podem estas pessoas regressar? Quem lhes garante a segurança? Quem pode reconstruir as suas casas? Podem imaginar a dificuldade de dar coragem a uma multidão com receio do futuro, sobretudo depois da libertação das regiões cristãs da Planície de Nínive e da cidade de Mossul. Não se pode imaginar o estado de ânimo do padre que trabalha para projetar ou orientar a comunidade em direção ao futuro.

Gostaria de fazer referência a um facto importante: o padre deve estar em dois lugares; primeiro, à frente do rebanho, e depois, atrás. Quando o Daesh surgiu, uma comunidade pacífica como a dos cristãos não podia fazer nada, apenas fugir. Aí, o padre não pode estar à frente do rebanho, isto é, não foge em primeiro lugar. Por isso, quando o Daesh apareceu,

fiquei para último, saindo depois de ter mandado embora toda a gente, e levando comigo os manuscritos e o Santíssimo.

Mas, depois da libertação, eu não podia senão estar à frente do rebanho porque o regresso era mais difícil que a fuga. O regresso, para mim, começou antes da libertação. As atividades que fizemos durante a fuga tinham o sentido de criar nas almas a vontade de regressar; eu ia ao ponto de observar a nossa terra com binóculos, para ver onde estava então o Daesh, e isso era perigoso para mim. O regresso [foi feito] no meio de perigos. À frente deles para controlar a situação, preparar-lhes as condições de regresso.

O padre é para a comunidade, e nem sempre a comunidade age de modo saudável. Sim, e são os cristãos do Iraque que estão em situação de combate e dificuldade, mas isto também cria murmuração contra a Igreja, pensando que a Igreja pode fazer tudo. Graças a Deus, a Igreja, este Corpo Místico de Cristo, agiu com caridade e ajudou-nos.

Hoje, o trabalho com os nossos fiéis requer um coração grande porque as pessoas assim o necessitam, têm necessidades, esperam que façamos tudo. Cada um deseja uma medida sua. O ânimo dos orientais, por vezes, provoca cansaço. Lá não se pensa como pensam as organizações ou as ONG.

Tudo isto, segundo a minha experiência, é algo doce, porque manter uma comunidade viva, enfrentando os desafios que tocam a sua própria existência; não é fácil, mas também é uma vocação nobre. A alegria de servir custa.